

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Recém-Nascido

Orlanda Maria da Silva Rodrigues da Cruz

Relatório apresentado para efeitos do
disposto no nº 1 do artigo 58º do Decreto-Lei
nº 448/79 de 13 de Novembro.

CENTRO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Direcção: Prof. Maria Isolina Pinto Borges
Prof. Joaquim Belo Bairrão Ruivo

Índice

Introdução	1
1. A disciplina de Psicologia do Desenvolvimento	2
2. Programa das Aulas Práticas de Psicologia do Desenvolvimento.....	3
2.1. Introdução	3
2.2. Objectivos	3
2.3. Conteúdos	4
2.4. Actividades	4
2.5. Estratégias	6
2.6. Avaliação	7
3. Uma unidade temática - o recém-nascido	9
3.1. Introdução	9
3.2. Objectivos	11
3.3. Conteúdos, actividades e estratégias	11
3.4. Avaliação	18
Anexos	19

Introdução

As aulas práticas da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento têm como objecto de estudo o desenvolvimento do ser humano nas suas diversas fases etárias, desde o nascimento até à adolescência:

- recém-nascido (0-1 mês)
- os dois primeiros anos de vida
- a idade pré-escolar (3-5 anos)
- a idade escolar (6-10 anos)
- pré-adolescência e adolescência (11-16 anos).

Cada uma destas cinco fases etárias constitui um conteúdo global de estudo e é abordada num conjunto de aulas, através de actividades diversas, constituindo uma unidade temática e formativa.

O recém-nascido é logicamente o primeiro conteúdo a ser abordado, ocupando um espaço de três aulas. Apesar de cada uma destas aulas implicar actividades diferenciadas, torna-se bastante diminuída de interesse a sua abordagem isolada, pelo que optamos pela sua apresentação em bloco no presente relatório.

Antes de entrarmos porém neste assunto, faremos uma apresentação global da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, que é orientada pela Professora Maria Isolina Pinto Borges, ao que se seguirá a apresentação do programa das aulas práticas: objectivos, conteúdos, actividades, estratégias e avaliação.

1. A disciplina de Psicologia do Desenvolvimento

A disciplina de Psicologia do Desenvolvimento está inserida no 2º ano do Plano de Estudos da Licenciatura em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. É uma disciplina anual, com quatro horas de aulas semanais, das quais duas são teóricas e intervaladas e duas são práticas e contínuas no tempo. Esta disciplina tem um carácter introdutório e informativo, podendo-se considerar como objectivos globais os seguintes:

- sensibilizar os alunos para a relevância dos diferentes modelos descritivos e explicativos do desenvolvimento, adoptando uma perspectiva integrativa,
- fomentar uma análise crítica destes modelos, sem dispensar as necessárias referências epistemológicas,
- fornecer conhecimentos teóricos básicos para futuras aprendizagens no contexto de outras áreas, como por exemplo, Psicopedagogia, Psicopatologia, Consulta Psicológica, Avaliação do Desenvolvimento da Criança, etc.

O desenvolvimento humano é, nesta disciplina, abordado através das suas grandes fases, desde o nascimento até à adolescência, num sentido evolutivo e, sempre que possível, integrativo.

2. Programa das aulas práticas de Psicologia do Desenvolvimento

2.1. Introdução

As aulas práticas pretendem ser uma sensibilização ao estudo do desenvolvimento humano através da observação directa de comportamentos e sua discussão/integração em diversos modelos teóricos abordados nas aulas teóricas. Neste sentido, é promovida, sempre que possível, a interligação dos conteúdos abordados nas aulas teóricas e práticas, ao longo do ano lectivo.

2.2. Objectivos

Tendo presente o carácter propedêutico da disciplina, os objectivos das aulas práticas são os seguintes:

- aquisição de competências de observação de comportamentos importantes do ponto de vista desenvolvimental, ou seja, comportamentos que se manifestam diferentemente consoante a idade dos indivíduos
- aquisição de competências de integração teórica dos comportamentos observados
- promoção de uma atitude de auto-avaliação do seu trabalho
- promoção de uma atitude de reflexão crítica dos modelos teóricos utilizados na discussão dos comportamentos.

De notar que a aquisição de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano não constitui em si um objectivo, mas é essencialmente um dos produtos resultantes da observação e reflexão sobre essa observação.

2.3. Conteúdos

Os conteúdos sobre os quais vai ser feita a aprendizagem foram já discriminados na introdução deste relatório. Estes conteúdos abrangem o estudo do desenvolvimento humano, tendo em conta os seguintes períodos:

- Recém-nascido (0-1 mês)
- Os dois primeiros anos de vida
- A idade pré-escolar (3-5 anos)
- A idade escolar (6-10 anos)
- Pré-adolescência e adolescência (11-16 anos)⁽¹⁾.

A consideração destes períodos, cujo primeiro critério de diferenciação é a idade apesar de os limites não se pretenderem rígidos, é feita com base em dois tipos de factores:

- o primeiro é de ordem prática, ou seja, vendo-nos na contingência de recorrer a instituições para a observação de crianças, verificamos que estas se encontram enquadradas institucionalmente de acordo com estes períodos etários;
- o segundo é de ordem teórica, visto que os modelos teóricos a que recorreremos estruturam o processo desenvolvimental de acordo com estes grandes grupos.

2.4. Actividades

Nestas aulas práticas o papel da docente será essencialmente o de fornecer a informação básica necessária para o desenvolvimento do trabalho de observação, registo e integração teórica de comportamentos, assim como o de orientar este trabalho, estimulando sempre que possível o papel activo do aluno

(1) Vd. anexo 1.

no processo de aprendizagem.

Assim, em cada um dos conteúdos globais atrás referidos, são realizadas três tipos de aulas, que implicam também três níveis de actividades: aulas de preparação da observação, aulas de observação propriamente dita e aulas de discussão da observação.

Nas *aulas de preparação da observação* podem-se distinguir dois momentos:

- um primeiro momento, em que o papel do aluno é essencialmente o de receptor da informação fornecida pela docente e que constitui o ponto de partida de todo o trabalho a ser desenvolvido posteriormente; assim, a docente começa por apresentar uma síntese dos aspectos teóricos relativa ao período em questão, citando as respectivas referências bibliográficas, seguindo-se a apresentação das condições em que irá decorrer a observação e dos instrumentos que irão ser utilizados, já existentes ou a elaborar.
- um segundo momento, em que o aluno, ao ter que estudar ou elaborar os instrumentos de observação e registo e que simular as situações em que estes serão aplicados, assume um papel verdadeiramente activo; este segundo momento estende-se por espaços extra-aula, sendo sempre orientado pela docente.

Nas *aulas de observação propriamente dita* os alunos passam à situação de observadores, utilizando os instrumentos previamente preparados. Nesta altura, a docente deve orientar os alunos, quer apresentando as características da instituição e dos sujeitos de observação, quer esclarecendo dúvidas, quer chamando à atenção para comportamentos que poderiam passar despercebidos, controlando o tempo, etc.

As *aulas de discussão da observação* constituem um momento privilegiado para reflectir sobre aquilo que se observou, estabelecendo as ligações

com os sistemas teóricos, criticando-os e auto-avaliando-se como observadores.

Finalmente, uma outra actividade que é realizada no período extra-aula, é a elaboração de um relatório escrito que deve abordar tanto a descrição das observações realizadas como a sua discussão teórica, e ainda a auto-avaliação do trabalho desenvolvido.

Com excepção da primeira unidade temática - o recém-nascido - o trabalho de preparação da observação, de observação propriamente dita, e de discussão da observação (onde se inclui a elaboração do relatório escrito) decorre em pequenos grupos.

2.5. Estratégias

As estratégias postas em acção pela docente para a consecução dos objectivos são diferentes consoante o momento do processo de aprendizagem e consoante os conteúdos veiculados.

No primeiro tipo de aulas - aulas de preparação da observação - a estratégia fundamental é a exposição oral dos conteúdos, apoiada por material visual, como acetatos, fotografias, slides, etc. Os instrumentos de observação são apresentados juntamente com o material e a situação de aplicação. No caso da elaboração de instrumentos são ainda expostos aos alunos os objectivos e conteúdos específicos da observação, o que aliás, vem na continuação da exposição inicial. A situação de observação deve ser simulada pelos alunos, de maneira a proporcionar um maior à vontade na manipulação do material.

Nas aulas de observação propriamente dita os alunos vão aplicar os instrumentos previamente estudados ou elaborados, ou seja, vão pôr em acção as suas competências de observação e registo.

Nas aulas de discussão da observação os alunos deverão relatar oralmente os comportamentos observados e integrá-los teoricamente num ou mais modelos abordados no primeiro tipo de aulas daquela unidade temática (problemática

teórica global) de uma forma global e nas aulas teóricas mais em pormenor.

Neste último tipo de aulas a estratégia utilizada pela docente é a de estimular as competências cognitivas dos alunos, isto é, ajudá-los a reflectir sobre os comportamentos observados, tendo presente cada um dos modelos teóricos. A apresentação e discussão das observações é da responsabilidade de cada grupo (ou de cada aluno no caso da primeira unidade temática), sendo porém exigido a todos os alunos o mesmo tipo de trabalho de reflexão, o que resulta na prática no colocar de questões, na apresentação de propostas de integração teórica e na comparação de observações. É assim estimulada a discussão activa entre os alunos, discussão esta orientada pela docente que ao mesmo tempo procede às necessárias reformulações. Desta maneira se tenta atingir os objectivos globais desta disciplina - sensibilização para uma perspectiva integrativa dos diferentes modelos e sua análise crítica - inicialmente descritos.

Os alunos são incentivados ao estudo dos modelos teóricos através da leitura das referências aconselhadas, ao mesmo tempo que a observação está a decorrer. Isto porque que na aula de discussão o aluno deverá dispôr de dois tipos de informações - uma empírica fruto das observações e outra teórica fruto das leituras realizadas - tendo em vista a sua análise e integração.

A referência aos três tipos de aulas neste relatório é feita com objectivos de sistematização visto que se trata de um processo de ensino/aprendizagem em que a preparação da observação, a observação e a sua discussão nem sempre se apresentam como momentos isolados; eles podem coexistir, sendo porém um deles sempre predominante em relação aos restantes.

2.6. Avaliação

Convém aqui discutir os dois tipos de avaliação - avaliação sumativa e avaliação formativa - utilizados nas aulas práticas desta disciplina.

Em termos de avaliação sumativa é de referir que, após cada unidade

temática, a aprendizagem realizada pelo aluno é quantificada numa escala de 0 a 10, o que no final do ano se irá traduzir, através da média aritmética das notas obtidas nas diversas unidades temáticas, na nota final das aulas práticas.

São delineados cinco critérios a ter em consideração nesta avaliação:

- 1) Nível atingido na preparação e elaboração dos instrumentos de observação
- 2) Nível atingido na mestria atingido na observação
- 3) Nível atingido na descrição e discussão orais dos comportamentos
- 4) Nível atingido na descrição e discussão escritas dos comportamentos (relatório escrito)
- 5) Nível atingido na análise crítica e auto-avaliação (relatório escrito).

Como se pode constatar, a avaliação estende-se por vários momentos ao longo do processo de aprendizagem, contribuindo ao mesmo tempo para esse processo. Neste sentido ela é formativa e contínua. O processo de aprendizagem não se pode dar como acabado, no entanto, com a elaboração do relatório escrito, visto que, este último, após lido e avaliado pela docente, é ainda objecto de discussão, geralmente em períodos extra-aula e grupo a grupo ou indivíduo a indivíduo. Este momento é privilegiado pela docente no sentido de dar um feedback o mais explícito possível à cerca da aprendizagem realizada pelos alunos, e para, por sua vez, receber um feedback dos alunos à cerca da metodologia de ensino utilizada.

3. Uma unidade temática - o recém-nascido

3.1. Introdução

Tal como foi já referido na Introdução deste relatório, o recém-nascido é o primeiro conteúdo a ser abordado nas aulas práticas de Psicologia do Desenvolvimento. Tem como antecedente apenas uma aula cujo objectivo é a apresentação da docente e dos alunos mutuamente, assim como da metodologia a ser seguida durante o ano.

Esta unidade temática possui algumas particularidades em relação às que se lhe seguem:

1) Visto constituir o primeiro momento do processo de aprendizagem que irá decorrer ao longo de todo o ano lectivo, ela constitui um primeiro espaço de conhecimento mútuo (docente-alunos) e de contacto com os conteúdos da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento.

2) O recém-nascido, em relação às crianças mais velhas, constitui também um objecto de estudo especial, na medida em que não é "manipulável", ou seja, enquanto que os alunos pegam ao colo, falam com, estimulam com objectos, etc. as crianças mais velhas, com o recém-nascido apenas lhe é permitido a sua observação quer em situação espontânea, quer em situação provocada por uma terceira pessoa (pediatra).

3) Do ponto de vista emocional, o recém-nascido é uma fonte potencial de estimulação. Torna-se extremamente interessante para a maior parte dos alunos (de notar ainda que grande percentagem é do sexo feminino) a descoberta de facetas comportamentais, até aí desconhecidas, daquele ser que, ainda há pouco tempo, se encontrava num estado de simbiose perfeita com a sua mãe.

As razões que nos levaram a optar por esta unidade temática tem a ver com estas particularidades, mas não exclusivamente. Do ponto de vista metodológico e do ponto de vista teórico, o estudo do recém-nascido tem sofrido

progressos consideráveis nas últimas três décadas. A abordagem do recém-nascido como ser passivo que sofre as influências do meio-ambiente foi substituída por uma abordagem do recém-nascido como ser que interage e influencia, ele próprio, aquilo que o rodeia. Crê-se actualmente que o recém-nascido é portador de um potencial a desenvolver que se começa a manifestar logo após o nascimento. As suas competências de interacção social com os seres humanos que o rodeiam, nomeadamente com a sua mãe, constituem um foco de investigação privilegiado por psicólogos, psiquiatras, pediatras, antropólogos e biólogos. Tende-se hoje a acreditar que a prevenção de muitos problemas importantes do desenvolvimento pode ser feita através de uma avaliação correcta da interacção mãe-filho. Neste sentido, o papel interventivo do psicólogo ganha uma nova dimensão, quer a nível preventivo, quer a nível da promoção do desenvolvimento da criança e da sua mãe. Finalmente, do ponto de vista evolutivo, e se nos lembrarmos dos sistemas teóricos de Piaget, Wallon e Gesell, para citar apenas os mais significativos, o recém-nascido aparece-nos como o ponto de partida da Psicologia do Desenvolvimento.

Esta unidade temática é abordada ao longo de três aulas, de duas horas cada:

- a primeira aula centra-se na preparação para a observação,
- a segunda aula centra-se já na observação propriamente dita, versando essencialmente o exame neurológico do recém-nascido, sendo portanto orientada por um pediatra,
- a terceira aula é, em parte, uma aula de observação (40% aproximadamente), versando essencialmente os comportamentos de relação do recém-nascido e, em parte, uma aula de discussão das observações realizadas.

3.2. Objectivos

Podemos considerar como objectivos específicos desta unidade os seguintes:

- Aquisição de conhecimentos básicos sobre a bagagem comportamental do recém-nascido.
- Tomada de consciência da continuidade, em termos comportamentais, existente entre o feto e o recém-nascido.
- Aquisição de conhecimentos básicos sobre metodologia de observação e experimentação das capacidades sensoriais do recém-nascido.
- Utilização de uma grelha de observação de comportamentos do recém-nascido.
- Tomada de consciência do recém-nascido como um ser activo e competente face ao mundo que o rodeia.

3.3. Conteúdos, actividades e estratégias

Porque na realidade da sala de aula e em pleno processo de aprendizagem, as actividades planeadas tendo em vista a consecução de objectivos são sempre relativas a conteúdos específicos e implicam a utilização de determinadas estratégias e também porque neste momento estamos a abordar uma unidade temática específica, optamos pela apresentação destes três aspectos - conteúdos, actividades e estratégias - de uma forma integrada, tendo em vista uma apresentação mais dinâmica de algo que nada tem de estático - um processo de ensino/aprendizagem. Iremos assim descrever as actividades, conteúdos e estratégias de cada uma das aulas práticas.

1ª Aula - A preparação para a observação

A preparação para a observação é constituída por duas vertentes - a vertente teórica e a vertente prática.

A vertente teórica é assegurada pela exposição dos conteúdos pela docente. Neste sentido é feita uma síntese teórica que aborda os seguintes aspectos do estudo do recém-nascido:

- 1- Evolução nas perspectivas de estudo do comportamento do recém-nascido, desde a centração nos aspectos neurológicos (início do século) até aos aspectos relacionais, passando pelos processos sensoriais.
- 2- A evolução das técnicas de observação e registo de comportamentos do recém-nascido.
- 3- A actividade motora e sensorial do feto humano.
- *4- O tónus muscular e a actividade reflexa do recém-nascido.
- *5- As competências sensoriais e de comunicação do recém-nascido (visão, audição, olfacto, tacto, paladar, choro e sorriso)
- *6- Os estados do recém-nascido e a sua capacidade de auto-regulação (face ao stress).

Esta exposição é apoiada por alguns acetatos⁽¹⁾. Apesar da docente ter um papel preponderante nesta actividade, os alunos não assumem obrigatoriamente um papel passivo. Pelo contrário, eles são estimulados no sentido de exporem as suas expectativas, colocarem questões ou referirem aspectos da sua própria vivência pessoal. A docente ao longo da exposição realça também os aspectos que serão objecto da futura observação (assinalados com um *).

A vertente prática é assegurada pela apresentação de uma grelha de observação de comportamentos⁽²⁾, elaborada com base na Brazelton Neonate

(1) Vd. anexo 2. Os desenhos apresentados neste anexo são da autoria da Doutora Maria José Neves, a quem agradecemos a prestável colaboração.

(2) Vd. anexo 3.

Behavioral Assessment Scale (BNBAS). A BNBAS é uma escala de avaliação dos comportamentos relacionais do recém-nascido. O seu objectivo fundamental é recolher e avaliar as reacções do recém-nascido ao seu meio-ambiente e, indirectamente, o efeito provocado pela criança nesse meio-ambiente. A BNBAS é composta por 27 itens que avaliam o comportamento da criança numa escala de nove pontos e por 20 reacções provocadas (actividade reflexa), cuja notação é feita numa escala de três pontos. A BNBAS será estudada em pormenor na disciplina de Diagnóstico Psicológico (4º ano), sendo utilizada uma sua adaptação em Psicologia do Desenvolvimento apenas com fins de observação (e não avaliação).

A grelha de observação utilizada pelos alunos é composta por 12 dos 27 itens originais (sendo utilizada na sua notação uma escala de apenas três pontos) e por 13 das 20 respostas suscitadas (consistindo a sua notação apenas no assinalar da sua presença ou ausência). Esta grelha será utilizada na terceira aula desta unidade temática.

Nesta aula deverá ainda ficar explicitado qual o calendário de actividades a realizar nesta unidade temática. Como trabalho de casa, os alunos deverão ler a bibliografia básica aconselhada⁽¹⁾ e estudar a grelha de observação.

2ª Aula - A observação propriamente dita

Esta aula não decorre nas instalações da Faculdade, mas sim no Serviço de Obstetrícia do Hospital Geral de Sto António (Porto), onde é feita a observação "in vivo" do recém-nascido, sob orientação de um pediatra deste serviço⁽²⁾. Os alunos ao serem introduzidos neste Serviço, têm oportunidade de contactar, ainda que brevemente, com a realidade viva que é a rotina quotidiana de um Serviço de

(1) Vd. anexo 4.

(2) O Dr. Telmo Arez tem tido a gentileza de, há uns anos a esta parte, assegurar o bom cumprimento desta actividade, pelo que aproveitamos este momento para deixar explícito o nosso melhor reconhecimento.

Obstetrícia.

Ao longo da aula serão abordados essencialmente dois aspectos: por um lado, a anamnese materna, obstétrica e paterna e, por outro, a actividade motora do recém-nascido, tal como se traduz no tónus muscular e na actividade reflexa. Assim, antes de dar início à observação do recém-nascido o pediatra tece algumas considerações importantes sobre a anamnese materna, obstétrica e paterna, focando os seguintes aspectos:

- idade da mãe
- estado de saúde e situação socio-económica da mãe
- comportamento endócrino-metabólico da mãe
- paridade
- evolução e cuidados durante a gravidez
- tempo de gestação
- infecções durante a gravidez
- hábitos tabágicos ou de outras drogas da mãe e do pai
- comportamento fetal pré-parto e no parto
- duração, complicações e tipo de parto
- tipo, quantidade e qualidade do líquido amniótico
- tempo de ruptura da bolsa de águas ante-partum
- procedência e circulares do cordão, braquicordão ou cordão normal
- inserção e peso da placenta
- grupos sanguíneos ABO e Rh da mãe e do pai.

Esta exposição tem como objectivo a sensibilização dos alunos para as relações que se podem estabelecer entre variáveis relativas à história parental e variáveis relativas ao desenvolvimento do bebé. Os aspectos apontados são geralmente caracterizados como factores de risco biológico pré e peri-natal, identificados como estando na origem de diversos problemas de desenvolvimento.

O pediatra chama de seguida a atenção dos alunos para o recém-nascido que têm a sua frente e começa por os incitar a descrever aquilo que vêem.

No momento seguinte o pediatra vai proceder a uma série de manobras que vão permitir a observação do tónus muscular passivo:

- manobra pé-orelha
 - ângulo poplíteo
 - ângulo de dorsiflexão do pé
 - sinal do cachecol
 - retorno em flexão dos antebraços;
- e do tónus muscular activo:
- endireitamento "em cadeia" dos membros inferiores, do tronco e da cabeça
 - contracção activa dos flexores do pescoço no endireitamento da cabeça para trás e para a frente
 - contracção activa dos extensores do pescoço no endireitamento da cabeça da frente para trás.

Finalmente, é feita a pesquisa de alguns dos reflexos primitivos ou arcaicos:

- reflexo de procura
- reflexo dos pontos cardeais
- reflexo de sucção
- reflexo de marcha automática
- reflexo de rastejar
- reflexo de preensão palmar e plantar
- reflexo de extensão dos dedos da mão e do pé
- reflexo de Moro.

Ao observarem um recém-nascido sem qualquer tipo de complicação

pediátrica, os alunos tem possibilidade de aprender algumas das funções do desenvolvimento neurológico normal da criança, observando-as na sua origem. Quando se dedicarem, no bloco de conteúdos seguinte, ao estudo da criança a partir dos três meses, os alunos farão apelo a este tipo de noções neurológicas básicas, observando a involução da actividade reflexa. Esta aula termina com um período de esclarecimento de dúvidas. É também indicado pelo pediatra um trabalho seu como referência bibliográfica⁽¹⁾.

3ª Aula - A observação (continuação) e a discussão da observação

Como já referimos anteriormente, no sentido de proporcionar uma perspectiva mais alargada e simultaneamente integradora do desenvolvimento do recém-nascido, a última aula desta temática centra-se na observação do comportamento relacional do recém-nascido através de um filme realizado no Serviço de Obstetrícia do Hospital de S. João (Porto)⁽¹⁾. Neste filme são observáveis os seguintes aspectos do comportamento do recém-nascido:

- estados do recém-nascido, de acordo com a BNBAS: sono profundo, sono leve, sonolência, vigília, vigília activa e choro;
- respostas de habituação do recém-nascido à luz, som e picada de alfinete, que constituem uma demonstração da sua capacidade de defesa face a estímulos repetidos de agressão ligeira;
- respostas de orientação visual animada e inanimada (face humana e bola, respectivamente);
- respostas de orientação auditiva animada e inanimada (face humana e roca, respectivamente);
- respostas de orientação animada visual e auditiva (face e voz humanas);
- tónus muscular, ou seja, a resistência de certas partes do corpo ao

(1) Cf. anexo 4.

(1) Este filme foi realizado por dois docentes desta Faculdade - José Luís Pais Ribeiro e Orlanda Maria Cruz - e por uma pediatra do Serviço de Pediatria do Hospital de S. João - a Dr^a Margarida Reis Lima - a quem agradecemos vivamente a colaboração prestada.

- movimento passivo;
- alguns reflexos primitivos;
- respostas do recém-nascido às carícias e ao consolo;
- actividade de auto-apaziguamento.

Os alunos devem preencher a grelha de observação de comportamentos à medida que vão observando o filme. Neste sentido, a grelha cumpre a sua função de apoio na sistematização da observação.

Depois da observação é feita a análise crítica das duas observações efectuadas. É salientado a complementaridade dos comportamentos observados nas duas aulas, assim como a diferença de perspectivas (exame neurológico na primeira observação, e observação de competências do recém-nascido nesta aula). É discutido a perspectiva comportamental de Brazelton, cujo objectivo é o estudo dos aspectos relacionais. É discutida a ideia de que o recém-nascido vem equipado com uma bagagem inata que lhe permite o estabelecimento de uma relação com o mundo que o rodeia e, em especial, com os seres humanos, nomeadamente a sua mãe.

Esta discussão constitui em si mesma um momento de desenvolvimento pessoal privilegiado - os alunos ao adquirem novas perspectivas sobre o recém-nascido, estão também a perspectivar a sua própria identidade de uma forma diferente e, porventura, mais rica.

Nesta altura é também estimulada a confrontação com as expectativas que tinham relativamente ao recém-nascido antes de iniciarem o seu estudo e com as opiniões divulgadas pelo senso-comum, que vão no sentido da abordagem do recém-nascido como um ser incompetente e passivo.

Finalmente é discutido o plano do relatório escrito que deverão elaborar e entregar no prazo de uma semana. Neste relatório, para além dos aspectos descritivos da observação, deverá ser feita a sua análise teórica e crítica - a observação isolada deixaria poucos vestígios em termos cognitivos se não fosse

seguida de uma reflexão sobre os aspectos observados.

3.4. Avaliação

Tal como atrás foi referido, a existência de critérios de avaliação que têm em consideração os diversos momentos do processo de aprendizagem, vai permitir, para além da existência de uma avaliação sumativa, uma avaliação formativa.

Nesta unidade temática específica (pelas particularidades inicialmente referidas), a avaliação é processada essencialmente na terceira aula e através do relatório escrito.

Após a leitura dos relatórios é fornecido o devido feedback aos alunos e pretende-se ainda averiguar qual o impacto desse feedback, ou seja, se vai ou não de encontro às suas expectativas. A avaliação destes produtos finais da aprendizagem que são os relatórios e a leitura do impacto do feedback nos alunos, vão fornecer à docente pistas importantes para o seu trabalho futuro, tanto a nível da turma, como a nível de cada aluno em especial.

ANEXOS

ANEXO 1 - PROGRAMA DAS AULAS PRÁTICAS DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

I - O recém-nascido

1. Evolução do estudo do recém-nascido. As técnicas e instrumentos de observação e registo de comportamentos.
2. Vida intra-uterina: a actividade motora e sensorial do feto humano.
3. O tónus muscular e a actividade reflexa do recém-nascido - o exame neurológico.
4. As competências sensoriais e de comunicação do recém-nascido - visão, audição, olfacto, paladar, tacto, sorriso e choro.
5. Os estados do recém-nascido e as suas capacidades de auto-regulação.

II - Os dois primeiros anos de vida

1. Alguns aspectos da metodologia de observação a utilizar - grelhas de observação e escalas de desenvolvimento.
2. Formas de organização da informação recolhida na observação - a "linguagem descritiva" e a "linguagem explicativa".
3. O desenvolvimento das dimensões comportamentais geralmente delineadas pelos autores :
 - 3.1. O desenvolvimento postural é motor.
 - 3.2. O comportamento face aos objectos.
 - 3.3. O desenvolvimento da linguagem - aspectos receptivo e produtivo.
 - 3.4. O desenvolvimento cognitivo na perspectiva piagetiana - a noção de objecto e a utilização de intermediários.
 - 3.5. Alguns aspectos do desenvolvimento social e da aquisição de hábitos sociais.

III - A criança em idade pré-escolar

1. Alguns aspectos da metodologia de observação a utilizar - a observação naturalista e a utilização de grelhas de observação.

2. A perspectiva piagetiana - a função simbólica e os seus índices comportamentais.

2.1. O jogo

2.1.1. Distinção entre actividade lúdica e não lúdica.

2.1.2. Categorias de jogos.

2.1.3. Aparecimento e evolução do jogo simbólico.

2.1.4. Funções do jogo simbólico.

2.2. O egocentrismo intelectual e as suas diferentes facetas.

2.3. Desenvolvimento moral: o realismo moral e a heteronomia.

2.4. A imagem gráfica - a perspectiva de Luquet.

3. O desenvolvimento perceptivo-motor.

4. O desenvolvimento da linguagem.

5. O desenvolvimento cognitivo - a interiorização de conceitos.

IV - A criança em idade escolar - a perspectiva piagetiana

1. Passagem da pré-operatividade à operatividade concreta. As noções de operação e reversibilidade.

2. As quantidades físicas - as noções de conservação da substância, peso e volume. Etapes de desenvolvimento.

3. As noções lógicas elementares - a seriação, a classificação e a enumeração. Etapes de desenvolvimento.

4. A metodologia de observação a utilizar: o método de exploração clínica de Piaget e a análise da argumentação.

5. O agrupamento, o grupo e o reticulado.

V - Pré-adolescência e adolescência - a perspectiva piagetiana

1. A passagem da operatividade concreta à operatividade formal - a diferenciação forma/conteúdo. O pensamento hipotético-dedutivo e o pensamento à segunda potência.

2. O pensamento formal e a combinatória matemática e proposicional.

3. O grupo das duas reversibilidades e a fusão operatória.

4. Os esquemas operatórios formais - as proporções, os sistemas duplos de referência, as noções probabilísticas e o equilíbrio hidrostático.

5. A indução das leis e a dissociação dos factores.

BIBLIOGRAFIA

- AREZ, T. (1979). O exame clínico do recém-nascido - Notas Práticas. Boletim do Hospital, 1 (10), 169-193.
- BATTRO, A. (1976) - O pensamento de Jean Piaget. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BOWER, T. G. R. (1980). O mundo perceptivo da criança. Lisboa: Moraes Editores.
- BRAZELTON, T. B. (1983) Échelle d'évaluation du comportement néonatal. Neuropsychiatrie de l'Enfance, 31, (2-3), 61-96.
- CARVALHAL, A. (1981). Guia para avaliação do desenvolvimento da criança de um mês a doze meses de idade. Presidência do Conselho de Ministros. Secretariado Nacional de Reabilitação - Comissão Coordenadora do Distrito de Beja do A.I.D.
- FAW, T. (1981). Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. S. Paulo: McGraw-Hill do Brasil, Cap. I e II.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN/FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER (1982) - Projecto Alcácer. Desenvolvimento da criança em comunidade rural. Estudo nº 6.
- GESELL, A.; ILG, F. & AMES, L. (1979). A criança dos 0 aos 5 anos. O bebé e a criança na cultura dos nossos dias. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GOMES PEDRO, J. C. (1982). Influência no comportamento do recém-nascido do contacto precoce com a mãe, Lisboa, ed. do autor.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido: considerações gerais e dimensões socio-afectivas. Jornal de Psicologia, 2, 7-10.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido (2): os processos sensoriais. Jornal de Psicologia, 3, 8-17.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido (3): os estádios e a actividade motora. Jornal de Psicologia, 4, 19-26.

- INHELDER, B. & PIAGET, J. (1970) De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent. Paris: PUF, 215-297 e 297-312.
- LONGEOT, F. (1969) Psychologie différentielle et théorie opératoire de l'intelligence. Paris: Dunod.
- LONGEOT, F. (1974) L'échelle de développement de la pensée logique. Manuel d'instructions. Issy les Moulineaux: Editions Scientifiques et Psychotechniques.
- LUQUET, G. H. (1974). O desenho infantil. Porto: Livraria Civilização.
- MACFARLANE, A. (1979) - A psicologia do nascimento. Lisboa: Moraes Editores.
- MELJAC, C. (1980) Batterie U.D.N. 80. Construction et utilisation des premiers nombres. Manuel. Paris: Les Editions du Centre de Psychologie Appliquée.
- MUSSEN, P. H.; CONGER, J. & KAGAN, J. (1979) Child development and personality, New York: Harper and Row, Cap. I e II.
- PIAGET, J. (1932). Le jugement moral chez l'enfant, Paris: PUF.
- PIAGET, J. (1950). La construction du réel chez l'enfant, Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- PIAGET, J. (1959). La naissance de l'intelligence chez l'enfant, Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- PIAGET, J. (1964). Seis estudos de psicologia, S. Paulo: Companhia Editora Forense, 11-23.
- PIAGET, J. (1967). La psychologie de l'intelligence, Paris: Armand Colin.
- PIAGET, J. (1968) La formation du symbole chez l'enfant, Neuchâtel; Delachaux et Niestlé.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. (1941) Le développement des quantités physiques chez l'enfant. Conservation et atomisme. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. (1959) La genèse des structures logiques élémentaires. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.

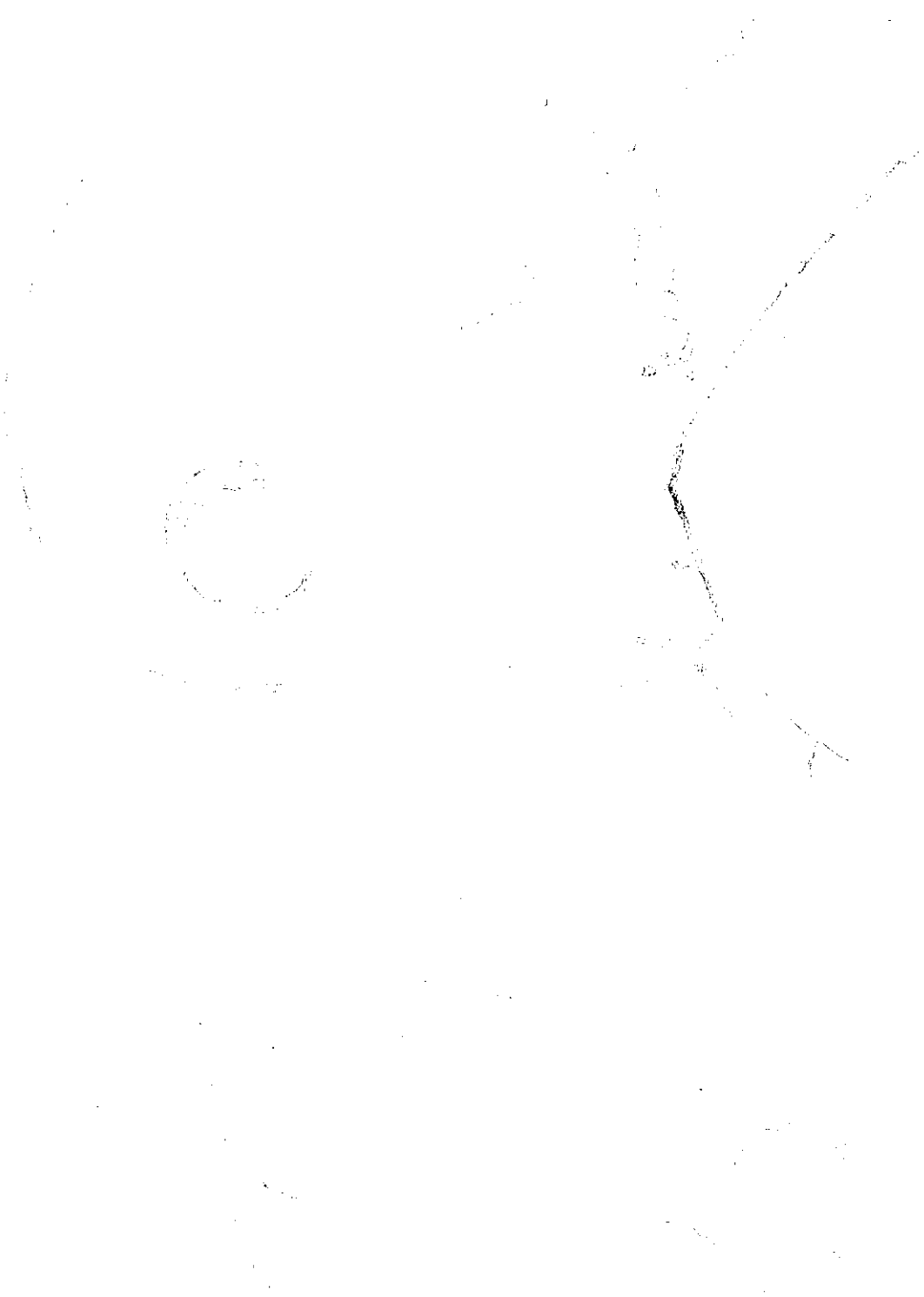
- PIAGET, J. & INHELDER, B. (1971) La psychologie de l'enfant. Paris: PUF, cap. V.
- PIAGET, J. & SZEMINSKA, A. (1941). La génèse du nombre chez l'enfant.
Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- REY, A. (1969) Automatismes intellectuels de 3 a 12 ans, Neuchâtel: Delachaux et
Niestlé.
- REYMOND-RIVIER, B. (1977) O Desenvolvimento social da criança e do
adolescente. Lisboa: Editorial Aster.
- TRAN-THONG, (1967). Stades et concept de stade de développement de l'enfant
dans la psychologie contemporaine, Paris: Librairie Philosophique J.
Vrin, 273-307; 308-408.
- UZGIRIS, I. C.; HUNT, J. & McV. (1975). Assessment in infancy. Urbana:
University of Illinois Press.

ANEXO 2 - SUMÁRIO

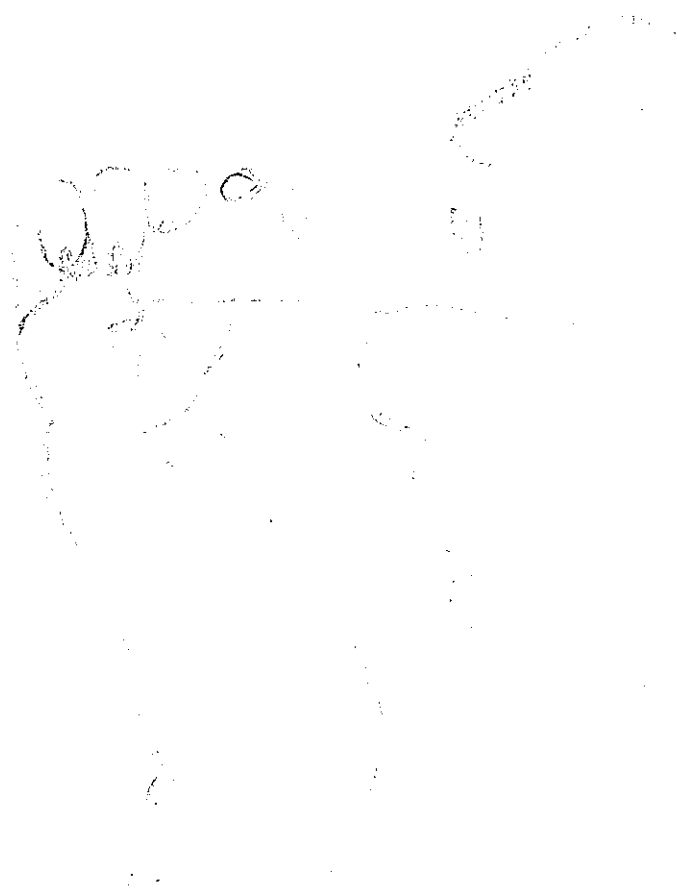
- 1 - Evolução nas perspectivas de estudo do comportamento do recém-nascido.
- 2 - Evolução das técnicas de observação e registo de comportamentos do recém-nascido.
- 3 - A actividade motora e sensorial do feto humano.
- 4 - O tónus muscular e a actividade reflexa do recém-nascido.
- 5 - As competências sensoriais e de comunicação do recém-nascido:
 - . visão
 - . audição
 - . olfacto
 - . tacto
 - . paladar
 - . choro e sorriso.
- 6 - Os estados do recém-nascido e a sua capacidade de auto-regulação.



myra



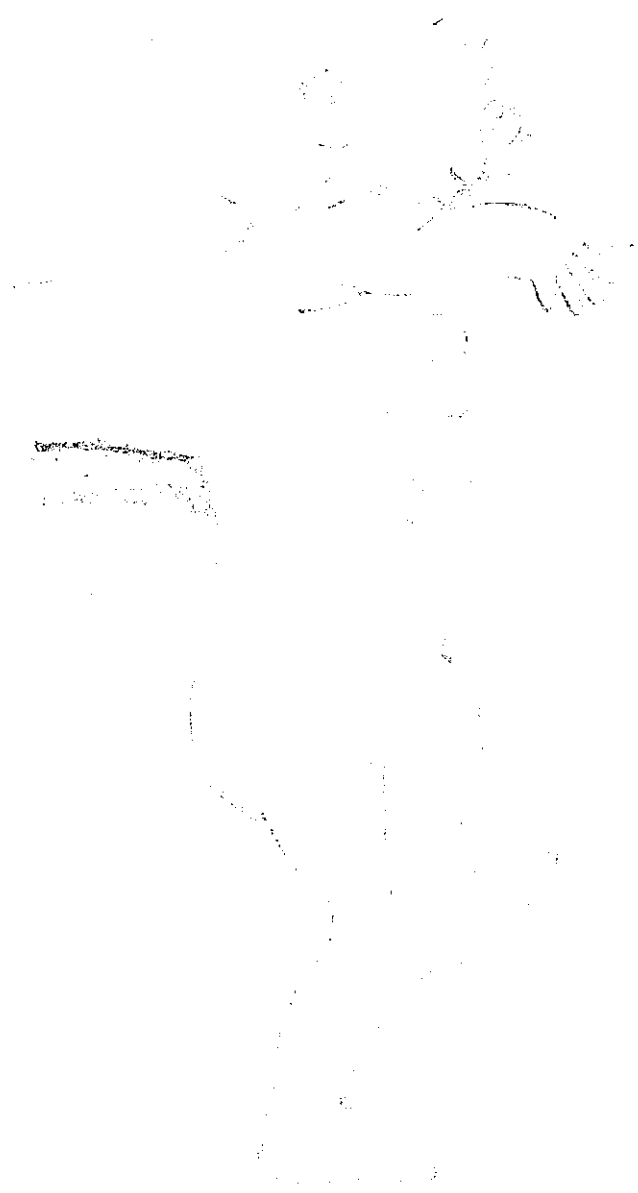
mpu



Myu



Myu



myu



Myra

QUADRO 1 (*)

Autor	Estádios do sono				Estádio intermédio	Estádios de vigília			
Wolff - 1959	sono regular		sono irreg.		sono-lência	Vigília Inactivo	Vigília Activo	Choro	
Dittrichova 1962	sono profundo	sono com respiração irregular	sono leve ou de transição			Estádio de vigília			
Greenberg 1963	Sono				sono-lência	Acordado Inactivo		Acordado Activo	
Brown - 1964	sono profundo	sono regular	sono alterado		sono-lento	Vigília Activo	Vigília Dirigida	Alerta muito dirigido	
Eisenberg 1964	sono profundo		sono leve			Menos que Vigília total		Vigília total com alerta	
Weller e Bell 1965	sono profundo	sono intermédio	sono leve		Estádio de transição	Vigília e alerta	Agitação leve	Agitação marcada	
Prechtl - 1965	Estádio 1		Estádio 2			Estádio 3	Estádio 4	Estádio 5	
Greenberg 1965	Sono				sono-lência	Acordado inactivo alerta	Acordado activo alerta	Rabugento	Choro
Goldie e von Valzer - 1965	II Fase Sono profundo		I Fase (Observado quando cai a dormir)			Acordado			
Petre-Quadens 1966	d	c	b	a		Acordado			
	(Activo muito profundo)	Sossegado		Activo (muito leve)		Acordado			
Wolff - 1966	sono Regular	sono Irregular	sono Periódico		sono-lência	Alerta inactivo	Acordado activo	Choro	
Dittrichova 1966	sono sossegado		sono activo			Acordado			
Crowell - 1967	sono profundo	Sono	Sono leve	Sono activo		Acordado			
Lewis e col. 1967	Adormecido					Acordado			
Korner - 1968	Sono Regular	Sono Irreg.	Sono irregular - REM		sono-lência	Vigília Inactivo	Acordado Activo	Choro	
Brazelton 1976	Estádio 1	Estádio 2	Estádio 3	Estádio 4	Estádio 5	Estádio 6			

(*) Composto a partir de R. Ashton (115).

Retirado de Gomes Pedro, 1985, p.20.

ANEXO 3 - GRELHA DE OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO
DO RECÉM-NASCIDO

Estado Inicial

Estado predominante.....

1. Diminuição da resposta à luz (1/2/3)

- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 9/10 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 5/8 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 1/4 estímulos.

2. Diminuição da resposta à roca (1/2/3)

- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 9/10 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 5/8 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 1/4 estímulos.

3. Diminuição da resposta à campainha (1/2/3)

- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 9/10 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 5/8 estímulos.
- Desaparecimento de movimentos visíveis ao fim de 1/4 estímulos.

4. Diminuição da resposta à picada da agulha (1/2/3)

- Resposta limitada à perna estimulada, após 3/4 estímulos.
- Resposta limitada ao pé estimulado, após 3/4 estímulos.
- Resposta limitada ao pé estimulado, após 1/2 estímulos.

5. Resposta de orientação visual inanimada (4)

- Foca o estímulo mas não o segue ou segue-o apenas brevemente (menos de 30°).
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 30° a 60° com os olhos e/ou a cabeça.
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 60° a 120° com os olhos e/ou a cabeça.

6. Resposta de orientação auditiva inanimada (4)

- Manifesta apenas uma alteração respiratória ou pestanejo.
- Fica inquieto, anima-se, mas não tenta localizar a fonte sonora.
- Alerta-se, desvia os olhos e a cabeça para a fonte sonora.

7. Resposta de orientação visual animada (4)

- Foca o estímulo mas não o segue ou segue-o apenas brevemente (menos de 30°).
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 30° a 60° com os olhos e/ou a cabeça.
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 60° a 120° com os olhos e/ou a cabeça.

8. Resposta de orientação auditiva animada (4)

- Manifesta apenas uma alteração respiratória ou pestanejo.
- Fica inquieto, anima-se, mas não tenta localizar a fonte sonora.
- Alerta-se, desvia os olhos e a cabeça para a fonte sonora.

9. Resposta de orientação visual e auditiva animada (4)

- Foca o estímulo mas não o segue ou segue-o apenas brevemente (menos de 30°).
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 30° a 60° com os olhos e/ou a cabeça.
- Foca o estímulo e segue-o num arco horizontal de 60° a 120° com os olhos e/ou a cabeça.

10. Modo de responder às carícias (4/5)

- Não resiste, mas também não participa, fica passivamente nos braços e contra o ombro.
- Habitualmente molda-se e relaxa-se; volta-se para o corpo quando é pegado horizontalmente.
- Tudo do acima dito, e a criança agarra-se ao examinador para aderir.

11. Consolação com intervenção

- Não consolável.
- Consolável ao colo.
- Consolável só com a face e a voz do examinador.

12. Actividade de auto-apaziguamento (6/5)

- Não consegue auto-acalmar-se.
- Breve tentativa para se auto-acalmar (menos de 5 segundos), mas sem sucesso.
- Tentativa bem sucedida para se auto-acalmar, voltando a criança ao estado 4 ou abaixo dele.

13. Reacções provocadas (4/5)

- Preensão plantar.
- Preensão palmar.
- Clono do tornozelo.
- Babinski.
- Marcha automática.
- Subir o degrau.
- Rastejar.
- Glabela.
- Encurvatura do tronco.
- Nistagmo.
- Moro.
- Procura.
- Sucção.

ANEXO 4 - BIBLIOGRAFIA ACONSELHADA AOS ALUNOS^(*)

- AREZ, T. (1979). O exame clínico do recém-nascido - Notas Práticas. Boletim do Hospital, 1 (10), 169-193.
- BOWER, T. G. R. (1980). O mundo perceptivo da criança. Lisboa: Moraes Editores.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido: considerações gerais e dimensões socio-afectivas. Jornal de Psicologia, 2, 7-10.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido (2): os processos sensoriais. Jornal de Psicologia, 3, 8-17.
- GOMES PEDRO, J. (1985) - O comportamento do recém-nascido (3): os estádios e a actividade motora. Jornal de Psicologia, 4, 19-26.
- MACFARLANE, A. (1979) - A psicologia do nascimento. Lisboa: Moraes Editores.
- MUSSEN, P. H.; CONGER, J. & KAGAN, J. (1979) Child development and personality, New York: Harper and Row, Cap. I e II.

(*)Estas referências são consideradas básicas para uma primeira abordagem do recém-nascido. Não se pretende sobrecarregar os alunos com informações mais específicas e detalhadas, que só serão fornecidas caso haja um pedido expresso nesse sentido.